



APRESENTAÇÃO

Sérgio Adorno

As relações entre natureza e cultura, natureza e sociedade persistem como um dos maiores desafios do pensamento científico moderno e contemporâneo. Há diferentes modos de abordagem dessas relações. Pode-se, ao menos, identificar dois.

Primeiramente, por um lado, a apropriação e os usos sociais do conhecimento científico e, por outro, as demandas sociais por mais e mais aperfeiçoamento tecnológico nos mais distintos campos da vida coletiva. O quanto componentes do mundo físico e natural moldam as organizações sociais e vice-versa constitui uma hipótese aceitável em comunidades científicas. Certamente, muitos exemplos podem ser buscados no domínio das ciências físico-químicas e biológicas. Do lado das ciências sociais, é em especial no campo da antropologia que essas relações foram mais amiúde abordadas. Infindáveis relatos do modo de vida e organização social de diferentes sociedades, não raro expressos em mitos e rituais, apontam evidências de fortes interações entre espaço físico, clima, temperatura, ciclos agrícolas e as características grupais.

Em segundo lugar, a interação entre mecanismos físicos, orgânicos e neurológicos e as ações sociais. Por exemplo, o quanto a constituição neurofisiológica molda os limites e possibilidades de ações sociais e o quanto as ações sociais, desencadeadas por indivíduos, influenciam a evolução das estruturas orgânicas dos seres humanos é matéria complexa, cujas evidências extraídas de observação empírica cientificamente conduzida talvez ainda não sejam satisfatórias para a elaboração de hipóteses capazes de consolidar estudos multidisciplinares.

Certamente, neste domínio, memória é um campo privilegiado para esta sorte de discussão científica. Impossível falar em memória sem considerar seus componentes químicos e fisiológicos, centrados no organismo humano vivo. Mas é inegável reconhecer as evidências históricas da memória social, com seus processos de transmissão da herança e do patrimônio cultural ao longo de gerações. Como se passa de um domínio ao outro resta ainda mistério a ser desvendado.

O Dossiê Memória que compõe o presente volume não tem a pretensão de entrar em tão complexa ordem de questão. Cuidou tão somente de justapor contribuições atuais dos mais destacados cientistas em seus respectivos campos de especialização. Em sua missão de divulgação cultural e científica, este volume da *Revista USP* procurou uma vez mais salientar temas contemporâneos que vêm suscitando o interesse da comunidade científica, o estímulo ao debate proporcionado pelos formadores de opinião e a curiosidade do público leigo ávido por informação de qualidade, solidamente enraizada em anos e anos de copiosas investigações científicas. O conjunto, uma espécie de amostra da complexidade subjacente ao objeto, já possibilita ao leitor tomar contato com a discussão atual e de ponta.

SÉRGIO ADORNO
é diretor da
Faculdade de
Filosofia, Letras
e Ciências
Humanas da USP
e presidente do
Conselho Editorial
da *Revista USP*

Em um primeiro bloco, encontram-se as contribuições que exploram as dimensões fisiológicas e constitucionais da memória. Iván Izquierdo e colaboradores tratam dos processos de formação das memórias de curta e longa duração, suas associações com a amnésia e as doenças relacionadas, bem como suas implicações clínicas. Por sua vez, como demonstrado por Wilfredo Blanco Figuerola e Sidarta Ribeiro, o sono, comportamento complexo que compreende várias fases sequenciais e distintas características neurofisiológicas, desempenha essencial papel na consolidação da memória. A contribuição de Gilberto Fernando Xavier consiste em estabelecer nexos entre redes nervosas associativas e memórias com o propósito de alcançar possível entendimento a respeito de questões ainda tão candentes como sejam a da constituição da individualidade e do inconsciente. Reflexões desta ordem possibilitam o trânsito entre o primeiro e segundo bloco de contribuições uma vez que apontam justamente para a complexa interação entre constituição neurológica e psíquica e suas implicações para a memória coletiva.

Paulo Endo se detém nas dimensões conceituais do debate contemporâneo sobre memória social, representadas pelo que nomeia experiências-conceito de trauma, luto, testemunho e a díade recordar/esquecer. Em direção aproximada, porém sob um enfoque distinto, Myrian Sepúlveda dos Santos indaga a respeito da pertinência do conceito de memória para enfeixar diferentes fenômenos sociais. Para tanto, realiza uma verdadeira incursão nas tradições clássica e contemporânea da teoria sociológica e da teoria social, abrindo “a possibilidade de percebermos a memória não a partir de estudos empíricos e comparativos de representações constituídas no presente, mas, sim, da análise interpretativa e semiótica, de imagens e símbolos, que tem por pressuposto uma dimensão de temporalidade múltipla e não linear”. Questões similares são aprofundadas no ensaio de Eliana Dutra. Nele, a historiadora investiga os fundamentos epistemológicos das relações entre memória e história. Mas não se circunscreve exclusivamente a esse domínio, pois busca estabelecer conexões com outras fronteiras epistemológicas. Para tanto, focaliza três fontes distintas: o filme-documentário, a literatura e a hermenêutica, esta ancorada nas representações sobre o passado.

O Dossiê é completado com uma oportuna contribuição de Paulo de Salles Oliveira. Seu artigo rende homenagem à autora de uma das obras de referência no campo das relações entre memória e sociedade. O livro *Memória e Sociedade*, de autoria de Ecléa Bosi, já em sua 12ª edição, é reconhecido, pelo Ministério da Educação, como uma das “cem obras sobre o Brasil”. Em seu ensaio, o autor destaca a inovação teórica, metodológica, conceitual e a investigação empírica subjacente à obra e à presença de Ecléa Bosi no cenário acadêmico e científico brasileiro e internacional.

O Conselho Editorial agradece aos autores e, em especial, ao prof. dr. Luiz R. G. Brito, do ICB-USP, por sua inestimável colaboração na composição de parte deste Dossiê.